



«No céu baila e divaga mais uma gaivota.
No chão perto do mar
outro baile circunda o coração.
Mas nunca saberei como se dança.»

ARMANDO SILVA CARVALHO

Armando Silva Carvalho nasceu em Olho Marinho, Óbidos, em 1938. Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, exerceu advocacia por pouco tempo, optando pelo jornalismo, pelo ensino, pela publicidade e pela tradução.

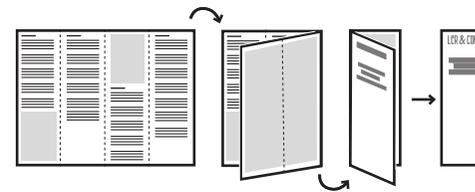
A sua obra tem vindo a ser reconhecida pela crítica e distinguida com diversos prémios, como o Grande Prémio de Poesia APE/António Feijó com *A sombra do mar*, o Prémio PEN Clube, com *Canis Dei* e *O Amante Japonês*, o Prémio Fernando Namora com *O Homem que sabia a Mar*, o Grande Prémio DST Literatura com *De Amore* e o Prémio Casino da Póvoa/Correntes d'Escritas com *A Sombra do Mar*, para citar apenas alguns.

LER & CONTAR
os poetas que nos habitam

1

ARMANDO SILVA CARVALHO

INSTRUÇÕES



EM PARCERIA COM



ÓBIDOS
joia

UMA PRODUÇÃO

LER & CONTAR

Coordenação: Glória de Sousa e Suzana Nobre

Design e Paginação: Samuel Rego

Ilustração: DAFLA – Daniela Fortunato e Flávia Martins

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: lerecontar2020@gmail.com

NATUREZA VIVA

Gosto de sentir a natureza e fingir
que não lhe pertença.

A mão gigante do vento vai sacudindo o carro
contra o mar
com grandes chapadas brancas.

Não é o mundo que tenho na cabeça
as gotas de água que embaciam o vidro
e o véu da chuva o da noiva submissa.

As palavras não querem ser irmãs das ondas
e o meu silêncio não é filho
desta tempestade.

Mas como é belo
que tudo viva na luta de viver.
A fúria da maré no espelho do meu rosto
como um poema de Pedro Homem de Mello.

O som mais natural
dá-me a nitidez dos choros suicidas
e transporta no tempo
esse luxo dos homens que se chama
[esperança.

No céu baila e divaga mais uma gaivota.
No chão perto do mar
outro baile circunda o coração.
Mas nunca saberei como se dança.



*in 'Lisboas',
Quetzal Editores, 2000*
Prémio Luís Miguel Nava

NUVENS

Além um pescador; além uma gaivota.
Uma ave predadora, um homem arreigado
[ao seu destino

De múltiplos matizes no meu imaginário.
Tudo podemos dizer na face descoberta
[do poema.

As nuvens correm baixas, duma beleza
Expansiva e cenográfica.
As nuvens arrastam como símbolos
As formas
Mais evidentes do mundo
As guerras as loucuras de Eros essa inclinação
[materna

Da morte
Sobre os seres
Que se passeiam à beira da água
Ou esperam
A dádiva do sol numa indolência a prazo.
Dá gosto ver as crianças
Na praia
Com sinais de avareza nos dedos atarefadas
A construir fronteiras na areia molhada
Absortas numa solidão
De quem não tem a defesa
Como forma de vida.
Olhai, crianças, olhai no alto as nuvens
E os seus retratos fabulosos.
Se já sabeis ver, é fácil seguir o filme da manhã
Da sua errância:
Passa uma montanha de cinza,
As úberes damas brancas e as enormes
[borboletas

Do senhor Nabokov,
Um pequeno avião de algodão doce,
Uma pomba imponente no seu leque de rendas
Um palhaço mudo a transportar
Balões gigantes.

As nuvens não gritam
São soberanas
E passam.
O mar, esse obedece ao fluxo do tempo
[do seu corpo

Enquanto resmunga ao embalar
As filhas de Nereu
-Essas levianas que só sabem das nuvens
Quando chove.

in Sol a Sol, Assírio & Alvim, 2005



ENTRE DENTES

Deitado sobre ti
ensinas-me a sair
da treva.

Com a boca dorida
por tanta palavra
ensanguentada
devoro o teu cabelo
ouro que se desfaz
por entre os dentes.

E o teu sorriso
quando te penetro
ilumina súbito
a noite do meu corpo.

in 'Armas Brancas', Limiar Editora, 1977



VÉSPERAS

A idade traz-me as metáforas do perigo
e também as suas regras
no desastre.

Vejo chegar a noite e com ela um poema
[do Eugénio,
magríssimo, cauteloso, cioso das suas sílabas
e da cal apagada junto à boca.

Agarro o teu silêncio
que se deixa cair perto do mar.
As rochas do outono estendem as mãos
[grossas
para me alcançarem o corpo.
Mas o meu tempo é cada vez mais frágil
e entre o vento e a chuva uma pequena luz
[parece
que germina.

Sem a claridade dos pássaros o poema
[não voa,
no chão a palavra rasteja na segura
da tarde abandonada.
São os olhos da terra que mais doem, a erva
[amarga,
e cantar ao crepúsculo passa a ser
[uma cegueira,
a bem dizer, um crime.

in 'A Sombra do Mar', Assírio & Alvim, 2016
Prémio Literário Casino da Póvoa 2017;
1.º Grande Prémio de Poesia António
Feijó - APE/CM Ponte de Lima;
Prémio PEN Clube na categoria de poesia;
Prémio Literário Fundação Inês de Castro